

VIAGEM AO SUL (Parte 1)

“Deu pra ti, baixo astral, vou pra Porto Alegre, tchau”. Não encontrei Kleiton & Kledir, o Veríssimo, o Falcão nem o Ilgenfritz, mas fui. Minha primeira viagem ao sul do país foi em 1962, aos 10 anos de idade. Meu pai foi a Porto Alegre e ao vale dos Sinos para tratar de negócios de couro e fui junto, embora mais uma vez meu irmão tenha tentado me corromper com um disco e fazer com que ficasse. A vontade de conhecer outros lugares foi mais forte e resisti. Depois, estive várias vezes em Santa Catarina e Paraná, mas apenas mais uma vez em Porto Alegre, a orgulhosa capital rio-grandense do orçamento participativo e do Fórum Social Mundial.

Voltei agora, após o golpe jurídico-midiático de 2016. Minha primeira providência foi conhecer o aeromóvel, veículo criado por engenheiro brasileiro que liga o aeroporto de Porto Alegre à estação do metrô próxima. Como sempre, não é muito simples: tive que ir de ônibus até o terminal 2 para apanhar o aeromóvel, que tem uma pista de 800 metros até o metrô, que parece um trem de subúrbio bastante antiquado, mas funciona bem. Foi rápido e barato chegar ao centro da cidade.

Alojados no hotel, fomos conhecer o Museu Iberê Camargo, instituição privada criada para abrigar a obras do pintor, que descobrimos só funcionar aos sábados e domingos no período da tarde. O projeto do museu é do premiado arquiteto português Álvaro Siza, inaugurado em 2008 num local espetacular às margens do rio Guaíba, com um magnífico por do sol. O prédio foi erigido em concreto branco e suas formas sinuosas contrastam com retas, incluindo rampas que circundam o espaço vazado e criam um espaço único de constantes surpresas visuais. No entanto, além da surpresa pela ausência de uma programação que ocupasse o rico espaço do museu, o horário diminuto evidenciava a situação de abandono daquela obra única.

Visitamos também equipamentos culturais da cidade, a começar pelo Centro Histórico e Cultural da Santa Casa local, um belíssimo edifício que abrigava uma exposição de um dos meus autores prediletos, o gaúcho Moacyr Scliar. Foi bom lembrar as capas e os seus livros que li nos anos 70 e 80, como meu predileto, “O centauro no jardim”, que traz as peripécias de um personagem que é um sapateiro comunista. O prédio possui, além de local para exposições temporárias, teatro, biblioteca, arquivo histórico, café e um museu permanente da Santa Casa, projeto exemplar de edifício e museografia da arquiteta Ceres Storchi.

Ao mesmo tempo, com a crise do governo gaúcho, os espaços culturais da Prefeitura e do Estado estavam em mau estado. Vazios ou com programação reduzida, a grande quantidade de espaços culturais entristeceu-nos pela ausência de mostras ou pelo abandono das instalações físicas. Um dos poucos que ainda resiste à degradação é a Casa de Cultura Mário Quintana, cujo projeto de restauro e revitalização do edifício, de autoria de Flávio Kiefer e Joel Gorski no histórico hotel Majestic projetado originalmente pelo arquiteto alemão Theo Wiederspahn (construído entre 1916 e 1933), onde o escritor Mário Quintana morou entre 1968 e 1980.

Outro edifício recuperado da cidade é o shopping Total, que ocupou as instalações abandonadas de uma antiga cervejaria no bairro da Floresta. Embora parte da obra tenha arquitetura tradicional destas instalações comerciais, o simples fato de aproveitar corretamente os prédios tombados (também projeto original de Theo Wiederspahn) me pareceu uma atitude adequada e invulgar dos empreendedores. (continua)

Mauro Ferreira é arquiteto